

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

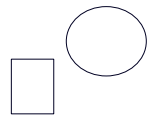
LINHA DE PESQUISA: GEOGRAFIA AGRÁRIA E RURAL (MEIO AMBIENTE RURAL)

OS CONFLITOS PELA TERRA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ/PB: AS LIGAS CAMPONESAS (1958-1964).

JOSÉ INALDO MARTINS DA SILVA JUNIOR

GUARABIRA- PB

2013



JOSÉ INALDO MARTINS DA SILVA JUNIOR

**OS CONFLITOS PELA TERRA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ/PB: AS LIGAS
CAMPONESAS (1958-1964).**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Geografia, sob a orientação do professor Ms. Péricles Alves Batista, na Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do Grau de licenciado em Geografia.

GUARABIRA-PB

2013

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva Junior, José Inaldo Martins da
Os conflitos pela terra no município de Sapé/PB: [manuscrito] :
as ligas camponesas (1958-1964) / Jose Inaldo Martins da Silva
Junior. - 2013.
43 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2013.
"Orientação: Péricles Alves Batista, Departamento de
Geografia".

1. Reforma Agrária. 2. Movimentos Sociais. 3. Sapé I.
Título.

21. ed. CDD 910



JOSÉ INALDO MARTINS DA SILVA JUNIOR

AS LIGAS CAMPONESAS NO MUNICÍPIO DE SAPÉ/PB (1958-1964)

Aprovado em: 06 / 12 / 2013

BANCA EXAMINADORA

Prof. Péricles Alves Batista – Orientador
Mestre em Geografia – UFPB
Professor do Dep. de Geografia/CH/UEPB

Prof. Ms. José Arimatéia da Silva Araújo - Examinador
Mestre em Geografia - UFPB
Departamento de Geografia/CH/UEPB

Prof. Esp. Antonio Gregório da Silva - Examinador
Departamento de Geografia/CH/UEPB



Funeral de um Lavrador

Esta cova em que estás com palmos medida
É a conta menor que tiraste em vida
É a conta menor que tiraste em vida

É de bom tamanho nem largo nem fundo
É a parte que te cabe deste latifúndio
É a parte que te cabe deste latifúndio

Não é cova grande, é cova medida
É a terra que querias ver dividida
É a terra que querias ver dividida

É uma cova grande pra teu pouco defunto
Mas estarás mais ancho que estavas no mundo
estarás mais ancho que estavas no mundo

É uma cova grande pra teu defunto parco
Porém mais que no mundo te sentirás largo
Porém mais que no mundo te sentirás largo

É uma cova grande pra tua carne pouca
Mas a terra dada, não se abre a boca
É a conta menor que tiraste em vida
É a parte que te cabe deste latifúndio
É a terra que querias ver dividida
Estarás mais ancho que estavas no mundo
Mas a terra dada, não se abre a boca.

Chico Buarque





Atribuo a realização deste projeto a Deus, que em todos os momentos me deu forças, a minha mãe, irmãos e a minha namorada, a todos os professores do curso de Licenciatura em Geografia, que em muito contribuíram neste processo, em especial ao meu Prof. Orientador Ms. Péricles Alves Batista, os quais considero, meus companheiros de jornada e amigos de muitas batalhas, DEDICO!



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre ter olhado para mim, durante toda esta trajetória e que continuará sempre sendo uma fonte de luz, me guiando a trilhar e alcançar meus objetivos de hoje, amanhã e sempre;

À minha mãe, Maria José Souza da Silva, a meus irmãos Lugemberg e Lucian, e a todos os meus parentes, amigos, e especialmente a minha querida namorada Beatriz Torres, que sempre me deram apoio e me ajudam a conseguir forças pra vencer e me tornar um cidadão íntegro e exemplo de ser humano;

A todos os meus professores do curso de licenciatura em Geografia, que muito contribuíram em minha aquisição de conhecimentos, em especial ao meu Prof^o Orientador Ms. Péricles Alves Batista, que com muita paciência me guiou por esse árduo caminho. Quero agradecer também aos professores José de Arimatéia da Silva Araujo e Antonio Gregório da Silva, pela gentileza em aceitar participar da banca de defesa.

A todos os colegas da turma 2009.2, que foram verdadeiros amigos nessa etapa acadêmica pela qual passamos juntos.

De modo geral a todos que contribuíram nessa minha trajetória, seja em maior ou menor escala, agradeço a todos que fizeram parte dessa caminhada.



TÍTULO: AS LIGAS CAMPONESAS NO MUNICÍPIO DE SAPÉ (1958/1964)

AUTOR: JOSÉ INALDO MARTINS DA SILVA JUNIOR

LINHA DE PESQUISA: GEOGRAFIA AGRÁRIA/GEOGRAFIA DO CAMPO

ORIENTADOR: PROF. PÉRICLES ALVES BATISTA DG-CH-UEPB

EXAMINADORES: PROF. JOSÉ DE ARIMATÉIA DA SILVA ARAUJO DG-CH-UEPB

PROF. ANTONIO GREGÓRIO DA SILVA DG-CH-UEPB

RESUMO: O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo refletir sobre a origem, desenvolvimento e atuação do Movimento Camponês surgido em fins dos anos de 1950, denominado de Liga Camponesa na cidade de Sapé/PB. Partindo da linha de pesquisa da Geografia do Campo e Reforma Agrária, procuramos em primeiro lugar, caracterizar o município de Sapé em seus aspectos geográficos como a localização e a forma de ocupação da referida área de estudo, assim como também, caracterizar os quadros natural e econômico, com o objetivo de compreender o espaço geográfico que foi palco do principal foco das Ligas Camponesas no Nordeste. Em segundo lugar, analisamos a problemática da questão agrária no Brasil, tendo como foco analítico as desigualdades e conflitos decorrentes desta problemática, e como consequência disso o surgimento das Ligas Camponesas no Nordeste brasileiro. Por fim, lançamos nosso olhar sobre a atuação das Ligas Camponesas do município de Sapé/PB, assim, procuramos traçar um perfil das condições de vida e trabalho dos camponeses do agreste paraibano a partir das memórias de pessoas que viveram o período e os acontecimentos estudados, para com isso, compreender o contexto de trabalho dos camponeses e as razões que os incentivaram a organizarem as Ligas Camponesas. Analisamos também as diferentes fases do Movimento Camponês em Sapé que ao longo de sua atuação assumiu diferentes perfis de ação junto aos trabalhadores rurais e os desdobramentos políticos e sociais causados pelo referido movimento. Diante disso, o estudo sobre o papel e atuação das Ligas Camponesas faz necessário para compreender o processo das relações na zona rural brasileira e fomentar a continuidade de novas discussões acerca das melhores ações que permitam se (re) definir, e (re) pensar a atual estrutura fundiária no Brasil na tentativa de possibilitar uma maior projeção dos movimentos sociais camponeses, bem como de alterar as relações existentes no campo.

Palavras-chave: Reforma Agrária; Movimentos Sociais; Sapé.



TITLE: AS LIGAS CAMPONESAS NO MUNICÍPIO DE SAPÉ (1958/1964)

AUTHOR : JOSÉ INALDO MARTINS DA SILVA JUNIOR

RESEARCH LINE: GEOGRAFIA AGRÁRIA/ GEOGRAFIA DO CAMPO

ADVISOR: PROF . PÉRICLES ALVES BATISTA DG - CH - UEPB

EXAMINERS: PROF. JOSÉ DE ARIMATÉIA DA SILVA ARAUJO DG - CH - UEPB

PROF. ANTONIO GREGÓRIO DA SILVADG - CH - UEPB

ABSTRACT: The present work Completion of course aims to reflect on the origin, development and performance of the Peasant Movement emerged in the late 1950, called the Peasant League in the town of Sape / PB . Starting from the line of research of Geography Field and Agrarian Reform , seek first, to characterize the municipality of thatch in your geographical aspects as the location and form of occupation of that area of study , as well as to characterize the natural and economic frameworks , with the goal of understanding the geographic space that hosted the main focus of the Peasant Leagues in the Northeast . Secondly , we analyze the problems of the agrarian question in Brazil , its analytical focus inequalities and conflicts arising from this problem , and as a result the emergence of the Peasant Leagues in Brazil's Northeast . Finally , we launched our eye on the performance of the Peasant Leagues municipality of thatch / PB , try to draw a profile of the life and work of the peasants Agreste from the memories of people who lived through the period and the events studied to it , understand the context of the work of peasants and the reasons that encouraged them to organize the peasant leagues . We also analyze the different phases of the Peasant Movement in Thatcham that throughout his performance has taken different action profiles with rural workers and the political and social consequences caused by that movement. Thus, the study of the role and performance of the Peasant Leagues is necessary to understand the process of relations in rural Brazil and encourage continuity of new discussions about the best actions to enable (re) defining and (re) think the current land ownership in Brazil in an attempt to enable a greater projection of peasant social movements , as well as amending the existing relations in the field.

Key words: Peasant Leagues , Social Movements ; Thatcham .



LISTA DE FIGURAS

1. Convite da Federação dos Trabalhadores Agrícolas da Paraíba30
2. Panfleto das Ligas Camponesas30

LISTA DE ANEXOS

1. João Pedro Teixeira e sua família37
2. Túmulo de João Pedro Teixeira 37
3. Panfleto da campanha de Elizabeth Teixeira38
4. Notícia da fundação das Ligas camponesas na Paraíba (Jornal do Comércio – 17 de Junho de 1961).....38
5. Notícias sobre as Ligas Camponesas em Jornais da Paraíba39
6. Panfleto da Campanha de Julião39
7. Memorial da Liga Camponesa de Sapé40



SUMÁRIO

1. Introdução	12
2. Objetivos	14
2.1. Geral	14
2.2. Específicos	14
3. Procedimentos Metodológicos	15
4. Caracterização geográfica da área de estudo: O município de Sapé – PB	16
4.2.1 Localização e Ocupação.....	16
4.2 Quadro econômico.....	17
4.3 Quadro Natural.....	18
5. As Ligas Camponesas: Origem e desenvolvimento	20
5.1 A problemática da questão agrária no Brasil: desigualdades e conflitos.....	20
5.2 O surgimento das ligas camponesas na região nordeste.....	22
6. As Ligas Camponesas no município de Sapé: Origem e desenvolvimento	26
6.1 As condições de vida e trabalho dos camponeses do agreste paraibano.....	26
6.2 As Ligas Camponesas no município de Sapé.....	28

6.3 Os desdobramentos políticos e sociais causados pela Liga Camponesa de Sapé..32

7. Considerações Finais 34

8. Referências Bibliográficas 35

Anexos

INTRODUÇÃO

O Movimento das Ligas Camponesas em Sapé foi a partir de sua fundação em 1958. Neste sentido não podemos esquecer que foi resultado de um processo anterior a esse recorte, mas para fins de recorte cronológico optamos pelo momento de criação e por consequência, pelo momento em que as Ligas foram desarticuladas, devido ao golpe civil – militar em 1964. O espaço estudado é a Liga Camponesa de Sapé que em 1963, no momento de efervescência das mobilizações Camponesas possuía cerca de 10.000 associados.

Os trabalhadores rurais injustiçados com as atitudes dos latifundiários, como o “cambão”, onde todo membro do sexo masculino que fosse morador das fazendas, quando completassem 18 anos, tinha por obrigação trabalhar um dia na semana sem receber nada, falta de moradias, sem direito a tratar de sua saúde e outras injustiças da época. (MAIA, 1985).

O foco do movimento camponês no Brasil foi à Região Nordeste, onde João Pedro Teixeira líder das Ligas Camponesas de Sapé inicia um trabalho de conscientização dos trabalhadores rurais, isto porque o grande líder camponês, antes mesmo de tomar consciência das difíceis condições de vida dos trabalhadores e trabalhadoras rurais passou por uma experiência no trabalho urbano, que o fez ter contato com as ideias e o movimento operário, tendo em vista as difíceis condições, que se encontravam, iniciou – se assim o maior movimento social da história do Brasil.

Esse movimento passou por três fases distintas, porém correlacionadas: uma primeira fase que poderíamos denominar de “trabalho base”, uma segunda fase que poderíamos chamar de “radicalização”. Nesta primeira fase da liga camponesa de Sapé, ela possuía um perfil doméstico no qual os camponeses se reuniam na residência do próprio João Pedro Teixeira para conversar e ficarem informados, era um trabalho de

conscientização da base do que posteriormente se tornou em organização dos trabalhadores rurais.

Em relação às Ligas é importante destacar também, que a partir de meados da década de 40 com a redemocratização, já é possível observar suas primeiras experiências, quase sempre como atividades de iniciativa do partido comunista Brasileiro. Aproveitando – se de seu curto período de legalidade, o PCB cresce de forma significativa nos meios urbanos, e passa a reconhecer também, a importância de atuar no campo, levando os ideais comunistas e buscando uma aliança operário-camponesa (AUED, 1986, P. 47).

Foi possível registrar a ocorrência de Ligas em diversas partes do País, porém elas tiveram maior peso no Nordeste Brasileiro. Sendo registrado em Pernambuco, no engenho galiléia a sua primeira experiência no ano de 1955. Marcado um novo ciclo no Movimento Camponês. Na Paraíba foram fundadas centenas delas, sendo a mais importante a de Sapé, ela irá alimentar um numero surpreendente de camponeses e colocará em risco os privilégios de que há muito tempo usufruíam os latifundiários aristocratas da Paraíba.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral

Compreender o processo de constituição da Liga Camponesa no município de Sapé - PB entre os anos de 1958 à 1964, destacando a caracterização geográfica do recorte espacial, o surgimento do movimento camponês no Nordeste e a atuação no referido município.

2.2. Específicos

- Caracterizar o município de Sapé, destacando a localização geográfica e sua ocupação, seu quadro econômico e natural.
- Refletir sobre as origens e o desenvolvimento das Ligas Camponesas no Nordeste.
- Analisar a atuação da Liga Camponesa de Sapé, procurando perceber as condições de vida dos camponeses e os desdobramentos do movimento camponês no referido município.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi basicamente duas. A primeira foi a pesquisa bibliográfica feita a partir da bibliografia disponível sobre o tema e que tivemos acesso. A segunda consistiu na análise dos depoimentos das pessoas que vivenciaram a experiência da Liga Camponesa em Sapé, esses relatos e depoimentos foram colhidos por uma equipe de pesquisadores liderados por VanHam e publicados na íntegra no livro “Memórias do Povo: João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas – Deixemos o Povo Falar” (2006). Por meio desta publicação foi possível dar ouvido a voz dos protagonistas e das pessoas simples que compuseram o movimento estudado.

I – CAPÍTULO - CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO: O MUNICÍPIO DE SAPÉ-PB

1.1. Localização e ocupação

O município de Sapé está localizado na Microrregião de Sapé¹ e na Mesorregião da Mata Paraibana², fazendo limites com os municípios de: Capim, Sobrado, Cruz do Espírito Santo e Mari.

1 A microrregião geográfica de Sapé é formada por 9 cidades: Juripiranga, Pilar, São José dos Ramos, Riachão do Poço, São Miguel de Itaipu, Sobrado, Cruz do Espírito Santo, Mari e Sapé. Ver

2 A mesorregião da Mata Paraibana é composta pelos seguintes municípios: Pitimbu, Caaporã, Pedras de Fogo, Juripiranga Pilar, São José dos Ramos, Riachão do Poço, São Miguel de Itaipu, Sobrado, Cruz do Espírito Santo, Mari, Sapé, Alhandra, Bayeux, João Pessoa, Santa Rita, Cabedelo, Lucena, Cuité de Mamanguape, Capim, Mamanguape, Rio Tinto, Itapororoca, Curral de Cima, Pedro Régis, Jacaraú, Mataraca, Baía da Traição, Marcação. Ver

Esses municípios um dia já fizeram parte da comarca de Sapé, sendo que pouco a pouco foram se aglomerando moradores em seu território até conseguirem se elevarem a categoria de Vila e logo após, cidade. Sendo assim, Sapé é na verdade uma área de transição entre o litoral paraibano e a Sub-Região Agrestina do estado.

O município de Sapé teve sua origem, nos primórdios com os Índios Potiguaras, que ali habitaram por muito tempo a esquerda do Rio Paraíba. Foi a partir desses índios que surgiu o nome da cidade, pois ao fazerem suas cabanas, eles as cobriam com uma espécie de capim denominado de *Eça-pé*, que também servia para se fazer fachos e iluminar as travessias noturnas.

O povoado começou com a estação ferroviária da estrada de ferro *Great-Western*, a qual foi fundada em 1882. Antes disso, nenhuma edificação havia no sítio hoje ocupado pela localidade, depois de fundada a estação, o povoado foi se estendendo para leste e oeste, formando assim dois bairros conhecidos atualmente pelos nomes de “Sapé de Baixo” e “Sapé do Meio”, este último assim denominado em razão de um bairro que mais além está situado com o nome de Sapé de Cima, como afirma Sabiniano Maia “O povoado começou com a estação da estrada de ferro Great-Western, a qual foi fundada em 1882. Antes disso não havia nenhuma edificação no sítio, hoje ocupado pela própria localidade”. (Maia, 1985, p.36).

Com os avanços das construções encadeadas pela estrada de ferro, que trouxe grandes avanços em relação à venda, troca e distribuição de mercadorias, pouco a pouco vai se edificando o município, que recebe o primeiro trem na linha férrea no dia 7 de Setembro de 1883, data que ficou conhecida como a de sua fundação (Maia, 1985).

Em ponto equidistante de ambos os distritos de Sobrado e Cachoeira, foi construída a estação férrea para embarque e desembarque de passageiros e possível movimentação de mercadorias, a qual recebeu o nome de Sapé (Maia, 1985). Ainda de acordo com Maia “Surge o povoado de Sapé, a 7 de setembro de 1883, com a passagem do primeiro trem da estrada de ferro “The Conde d’Eu Railway Company Limited”. (Maia, 1985, p. 35).

Posteriormente surge o município em 1883, porém só no dia 01 de Dezembro de 1925 é elevado a categoria de vila, passando a ser sede dos distritos de Sobrado,

Cruz do Espírito Santo e São Miguel do Itaipu, por determinação da lei estadual nº 627 (Maia, 1985, p.36).

Entre outras razões pela qual Sapé passou a ser município citamos o apoio de Gentil Lins a candidatura de João Suassuna a presidente do estado da Paraíba, contra José Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, do Espírito Santo, que apoiara a candidatura de Otacílio de Albuquerque para suceder Sólon de Lucena (Elias 2010).

Este fato foi primordial para emancipação do município, tendo assim, João Suassuna vencido o pleito não hesitou em prestigiar Gentil Lins, tornando Sapé, município independente, passando o Cruz do Espírito Santo, a categoria de seu distrito. (Elias, 2010).

Como foi possível constatar, o município de Sapé está localizado em uma área de transição o que contribuiu para o seu crescimento, primeiramente como núcleo urbano ainda em fins do século XIX com a construção da Estação Ferroviária. Mas sua emancipação política se deu nos anos finais da década de 1920, como consequência das disputas políticas entre as oligarquias locais que tanto caracterizam esse período.

1.2. Quadro econômico

A agricultura é uma das principais fontes econômica do município, a qual sempre se destacou pela produção de abacaxi e cana de açúcar, além de outras culturas de importância como a banana, coco da baía, laranja, batata doce, fava, mandioca, milho e o inhame, com destaque também para o comércio e as feiras livres.

A cana de açúcar é a principal fonte renda, pois a maior parte da população trabalha nas usinas produzindo álcool, açúcar, aguardente e rapadura, nos períodos de moagem que se estende de Agosto a Março produzindo emprego e gerando renda para o município.

Sem esquecer-se da Usina Santa Helena que já foi uma das principais indústrias açucareiras do estado, que em outrora, a produção média anual era de aproximadamente 800 mil sacos de 60 quilos de açúcar e de 12 milhões de litros de álcool no ano de 1984. Nesta época quando falávamos em produção de açúcar, a usina era a maior do estado da Paraíba.

Outra grande fonte de renda do município é o comércio onde existe diversas lojas de roupas, sapatos, cosméticos, supermercados, que já está despertando interesses das grandes empresas como: “Todo Dia”, “Rede Paraíba de Supermercados”. Além disso, o município conta também com as Agências Bancárias que dão um grande suporte para a economia local.

Por se tratar de um município que dá acesso a algumas cidades do Brejo Paraibano, tanto a capital do estado (João Pessoa), como outras capitais do Nordeste (Recife, Natal), sem esquecer-se das cidades como Guarabira e Campina Grande, Sapé se torna um município onde muitos de seus consumidores são de outras cidades.

O município conta ainda com quatro fábricas: a “Pina Safra” que produz sucos em pó e vários tipos de produtos relacionados ao abacaxi, a fábrica de peixe, a fábrica de poupa de fruta e a “Pênalti” que produz e distribui tênis, bolas e material esportivo, para outros estados brasileiros.

1.3. Quadro natural

De acordo com o diagnóstico do município de Sapé, elaborado pelo projeto de cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea no Estado da Paraíba, realizado pelo Ministério de Minas e Energia, através da secretaria de geologia, mineração e transporte mineral em 2005, o município de Sapé está inserido na unidade Geoambiental dos Tabuleiros Costeiros. Esta unidade acompanha o litoral de todo o Nordeste, apresenta altitude média de 50 a 100 metros. Compreende platôs de origem sedimentar, que apresentam grau de entalhamento variável, ora com vales estreitos e encostas abruptas, ora abertos com encostas suaves e fundos com amplas várzeas.

De modo geral, os solos são profundos e de baixa fertilidade natural. O clima é do tipo Tropical Chuvoso com verão seco. O período chuvoso começa no outono, tendo início em Fevereiro e término em Outubro. A precipitação média anual é de 1.634,2 mm. A vegetação é predominantemente do tipo caatinga.

Floresta Subperenifólia, com partes de Floresta Subcaducifólia. Os solos dessa unidade geoambiental são representados pelos Latossolos e Podzólicos nos topos de chapadas e topos residuais.

Por fim, o município de Sapé encontra-se inserido nos domínios das bacias hidrográficas dos rios Miriri e Paraíba. Seus principais tributários são: os rios Miriri e Gurinhém, além dos riachos: da Gamela, Fundado Vale, da Barroca, Curralinho, Parede,

Una, Pereira, São Salvador, do Viveiro, Itanhém, Olhod' Água, Açai, Bonito e Ribeiro. Os principais corpos de acumulação são: os açudes São Salvador (12.627.520 km³) e Miriri, além da Lagoa do Félix.

II – CAPÍTULO – AS LIGAS CAMPONESAS: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO

2.1. A problemática da questão agrária no Brasil: desigualdades e conflitos

Em uma perspectiva histórica o campo no Brasil sempre foi um *locus* de dominação por parte da elite. Primeiro com as Capitâneas Hereditárias³, em que todo o território fora dividido em lotes, e doados a pessoas que teriam condições de investir na colonização e sua posse seria passada de pai para filho. Durante todo o período comumente denominado de colonial a posse da terra era sinônimo de riqueza e poder. Sendo assim, para Manuel Correia de Andrade,

³A partir de 1530 a coroa portuguesa decide dividir seus domínios nas recém-descobertas terras em lotes e doá-los a donatários, esse sistema de colonização ficou conhecido por Capitâneas Hereditárias.

A conquista da terra, iniciada na quarta década do século XVI, com o processo de colonização, revestiu-se de grande violência; foi feita às custas do aprisionamento e expropriação do indígena, a quem o conquistador, o homem branco, considerando-se superior, transformava em sua propriedade. (2000, p. 8)

Um papel destacado neste processo teve a região atualmente chamada de Nordeste, que desde sua conquista e ocupação praticou uma economia baseada no cultivo da cana e na produção do açúcar. Durante o período imperial, essa hegemonia do Nordeste vai decrescendo em detrimento da produção cafeeira do Sudeste em particular da província de São Paulo. A concentração da terra nas mãos da elite dirigente do país durante todo esse período foi constante.

É importante lembrar ainda que as relações de trabalho estabelecidas no Brasil desde a chegada dos portugueses foi o trabalho escravo. Tais relações estiveram no alicerce não apenas da economia do país durante mais de três séculos, como foi um elemento constituinte da própria sociedade durante o período de sua vigência. Assim, além da concentração de terras nas mãos de grupos abastados, o campo sempre foi marcado pelas relações de trabalho exploradoras e injustas.

Com o advento da abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, uma nova conjuntura se esboça, uma vez que a grande massa de libertos foi absorvida pelo trabalho no campo. Assim, após a abolição da escravidão, momento em que esperava-se que as relações de exploração no campo se findariam, porém, os ex-escravos foram transformados em trabalhadores rurais⁴ e com isso a expropriação de seu trabalho permaneceu. Para Manoel Correia Andrade:

A abolição da escravatura ampliou a massa formada pelos pobres do campo, uma vez que, nas terras apropriadas e povoadas do Nordeste, os ex-escravos, por não disporem de áreas para onde se transferir, tornaram-se moradores de engenhos e fazendas. (Andrade, 2000, p. 16)

Logo após a abolição ocorre o fim do período monárquico e o início do período republicano a partir de 15 de novembro de 1889. Com a República, mudou-se o regime político, mas permaneceu a grande propriedade e as relações de exploração no campo

⁴Para Andrade (2000), “desde a segunda metade do século XIX, quando foi extinto o tráfico de escravos, nas áreas de domínio da cana-de açúcar já se usava em larga escala o chamado trabalho livre”, porém foi acentuado após a abolição da escravidão.

brasileiro. Assim, formou-se de um lado, a população das áreas rurais do Brasil, oriundas em grande parte de descendentes dos escravizados, e de outro, a da população livre e pobre que durante o período imperial esteve sempre à margem da sociedade.

A instalação de um regime supostamente democrático no Brasil a partir da República, fez com que houvesse inúmeras manobras políticas que inviabilizassem qualquer forma de luta ou reivindicação por parte da classe trabalhadora não apenas camponesa, mas também urbana e operária.

A partir desse momento começa a se delinear o perfil dos camponeses que comporão os quadros de mobilização das Ligas Camponesas em todo o Brasil. É desse momento de crise dos engenhos e do surgimento das usinas como forma de reerguer a importância da produção canavieira que decrescia desde o período imperial, que formase o campesinato nordestino. Ainda segundo Manuel Correia Andrade,

Quando surgem as usinas, depois de 1880, com grande capacidade de produção, passaram os proprietários a estender os seus canaviais pelos antigos sítios de moradores e a exigir deste trabalho diário, pagando salários mais elevados, embora bem inferiores às necessidades dos trabalhadores (2000, p. 17)

Diante das limitações e dificuldades vividas pelo campesinato em diversas Regiões do Brasil, sobretudo na Região Nordeste, junto a sua falta de perspectiva e de possíveis melhorias é que se originou em meados de 1940 um novo movimento social no campo, o qual buscava representar e discutir os interesses do campesinato no plano político e social em um cenário em que o latifúndio exercia grande influência. Segundo Ariovaldo Umbelino de Oliveira

A sociedade nacional que, desde 30, marchava na direção da industrialização e da urbanização, continuava a conviver, no lado oposto das elites, com o aprofundamento dos conflitos no campo. Parte desses conflitos derivavam das tentativas de organização dos camponeses e trabalhadores assalariados rurais buscada pelo então Partido Comunista do Brasil, fruto de sua curtíssima legalidade pós Constituição de 1946. Assim, o final da década de 40, os anos 50 e o início da década de 60 foram marcados por este processo de organização, reivindicação e luta no campo brasileiro (2007, p. 104)

É a partir de toda essa complexidade política, social e econômica que surge na Região Nordeste o movimento camponês denominado de Ligas Camponesas⁵.

2.2. O surgimento das Ligas Camponesas na Região Nordeste

O surgimento e a atuação das Ligas Camponesas na Região Nordeste do Brasil se dá a partir da criação da Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP) pelos camponeses do Engenho Galileia⁶. O contexto social que faz surgir essa entidade de camponeses é o que já discutimos anteriormente, exploração e injustiça social. De acordo com Antônio Torres Montenegro,

Os trabalhadores de galileia buscam uma maneira de romper com o círculo da miséria que os atormenta, e que os condena a uma morte de indigente. Nessa luta, a criação de uma entidade se constitui em mais um lance, em mais um movimento, sem certezas ou garantias de que algum objetivo será alcançado. (Montenegro, 2003, p. 249)

Em face da dificuldade de muitos agricultores de saldar o débito com o proprietário, ou da extrema pobreza de outros, que precisam apelar para a ajuda da prefeitura no momento de enterrar seus mortos. A criação da SAPPP foi a forma encontrada pelos agricultores do engenho para criar um fundo de ajuda mútua. Dessa forma, poderão contornar a humilhação de serem enterrados no caixão da prefeitura.

A estratégia para enfrentar de maneira coletiva os problemas que afligem de forma direta a comunidade de Galiléia está também marcada pela presença de alguns ex-militantes⁷ comunistas.

5 Segundo Oliveira (2007) “A origem da expressão “Ligas Camponesas” está relacionada ao movimento de organização de horticultores da região de Recife pelo PCB. A maioria desses núcleos desapareceu, depois do fim da legalidade do Partido.”

6 Segundo Montenegro (2003) “Galileia é nome de um engenho de fogo morto, situado na cidade de Vitória de Santo Antão, distante 50 quilômetros de Recife”. p. 247

7 Podemos destacar a participação de dois ex-militantes comunistas, Zé dos Prazeres e Paulo Travassos, este último militante do PCB do Espírito Santo e que passa a partir de então a atuar em Pernambuco, ver Montenegro (2003).

A SAPPP é criada como associação, a invés de sindicato rural nos modelos de sindicalismo proletário e urbano, isso expressa o nível de controle político das oligarquias rurais e o perfil assistencialista que ela assumiu em seus primeiros momentos de atuação. Segundo Montenegro,

Os trabalhadores, ao fundarem uma sociedade beneficente, procuram institucionalizar uma prática de cooperação com que possam melhor enfrentar os problemas de doenças, da morte e mesmo paralelamente saldar os débitos com o proprietário. (2003, p. 248)

Na festa de fundação, em 1º de janeiro de 1955, o proprietário do engenho é convidado para assumir o cargo de presidente honorário da SAPPP e entre discursos, fogos e danças, o proprietário movido pelas emoções do momento, autoriza a retirada de madeira da mata do engenho para a construção de uma capela, como uma forma de oficialização do apoio a fundação da associação. O convite revela uma estratégia, uma ação tática dos moradores do engenho:

No intento de dar visibilidade, mostrar ao proprietário como estão buscando uma maneira de - pelos seus próprios meios, a ajuda mútua - contornar os graves problemas que lhes afligem, sem trazer qualquer ônus ao proprietário. (2003, p. 248)

Ao perceber que sua atitude de apoio à fundação da associação pelos moradores de seu engenho não provocaria o apaziguamento das difíceis relações de trabalho e a conseqüente diminuição dos ânimos dos trabalhadores, o proprietário rompe com os camponeses e renuncia ao cargo de presidente honorário, exigindo dos moradores a extinção da SAPPP sob a ameaça de possível expulsão de seus moradores.

Com a perda do apoio do proprietário do engenho, os trabalhadores do engenho buscam o apoio das autoridades, tendo organizado uma comissão para falar do assunto com o general Cordeiro de Farias, então governador de Pernambuco, não tendo conseguido sensibilizá-los das suas lutas e dificuldades. (Montenegro, 2003)

Neste momento, entra em cena o deputado estadual socialista Francisco Julião. Segundo Montenegro (2003) “Ao aceitar a defesa dos foreiros da Galileia, Julião irá tomar as providências para que a sociedade seja registrada em cartório” (Montenegro, 2003, p. 252), ou seja, procura legalizá-la.

Com o auxílio de Julião, as reivindicações dos moradores do Engenho Galileia são colocadas em pauta na Assembleia Legislativa de Pernambuco, o que provocou uma maior visibilidade das mobilizações não apenas dos moradores como da questão agrária em geral. Neste contexto é organizado o 1º Congresso de Camponeses de Pernambuco,

organizado pela SAPPP, que conta com o apoio do professor Josué de Castro, então diretor da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura).

Segundo Montenegro:

Participam aproximadamente três mil trabalhadores rurais e, em fase da cobertura da imprensa, haverá maior visibilidade para os problemas das relações sociais no meio rural. A imprensa passa a denominar a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco de “Ligas Camponesas”, apontando nas mesmas um nítido caráter comunista. (Montenegro, 2003, p. 248)

Amplia-se a articulação das Ligas com intelectuais e parlamentares e com o movimento urbano organizado. Será criado dessa forma um suporte jurídico e político-parlamentar que romperá com o isolamento dos conflitos no meio rural.

Com a repercussão das mobilizações e da luta dos moradores do Engenho Galileia, houve uma modificação na estruturação das Ligas, tendo sido criada uma sede regional das Ligas Camponesas em Recife, que coordenará as ações do interior. Ainda de acordo com Montenegro,

A mobilização dos camponeses de Galileia torna-se, nos últimos anos da década de 1950, um símbolo de resistência para uma parcela da sociedade, enquanto para outros representa o avanço do comunismo e a ruptura *pax agrária*. Após a criação da SAPPP, em 1954, e sua regulamentação em 1955, o movimento de trabalhadores rurais assiste na imprensa e nos meios políticos a uma constante campanha de ameaças e acusações de subversão da ordem e desrespeito ao princípio sagrado da propriedade. (2003, p. 248)

Torna-se, nos últimos anos da década de 1950, um símbolo de resistência para uma parcela da sociedade. Enquanto para outros grupos conservadores representa o avanço do comunismo e a ruptura da *pax agrária*. As delegacias das Ligas se expandem em Pernambuco e, onde em 1959 já são em número de vinte e cinco. As mobilizações públicas de camponeses é uma constante. No 1º de maio de 1956, Julião mobiliza 600 camponeses para participar das comemorações em Recife. Em 1958 vêm 3.000 para o 1º Congresso de Lavradores, Trabalhadores Agrícolas e Pescadores. Segundo Ariovaldo Umbelino de Oliveira:

O movimento das Ligas Camponesas tem, portanto, que ser entendido, não como um movimento local, mas com manifestação de um estado de tensão e injustiça a que estavam submetidos os camponeses e trabalhadores assalariados do campo e as profundas desigualdades nas condições gerais do desenvolvimento capitalista no país (2007, p.108)

Sendo assim, é complexa conjuntura e conflituosa conjuntura social que surge na Região Nordeste as Ligas Camponesas, como expressão dos anos de injustiça e exploração dos trabalhadores do campo.

III – CAPÍTULO – AS LIGAS CAMPONESAS NO MUNICÍPIO DE SAPÉ: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO

A gente morava na Usina Maravilha, em Goiana. A vida lá era ruim, passava fome, porque não tinha (...). O povo comia no barracão. Naquele tempo, não tinha quem fosse pelos pobres. Francisco Antônio da Silva, Agricultor.

3.1. As condições de vida e trabalho dos Camponeses do Agreste Paraibano

As condições de vida das inúmeras famílias de agricultores não eram fáceis. A exploração de seu trabalho por parte dos fazendeiros-latifundiários tornavam as duras condições de vida e subsistência ainda mais difíceis. Como é possível a partir da leitura da epígrafe, muitas famílias viviam em situação de extrema pobreza e miséria. Entretanto, precisamos compreender que haviam diferentes categorias de trabalhadores rurais.

As principais categorias eram: moradores, foreiros, pequenos rendeiros, trabalhadores alugados e vaqueiros. Tais categorias não eram rígidas ou imóveis, um mesmo indivíduo poderia ser vaqueiro e morador, ou então ser um foreiro e um pequeno rendeiro, mas o importante é que havia uma diferenciação em função do papel exercido por cada categoria de trabalhador rural. Sobre este assunto a Sra. Josefa Maria da Silva nos diz que, “e assim vivia o povo. Quem pagava o foro era de foro, quem pagava o cambão era do cambão. Cada um trabalhava como podia” (Depoimento de Josefa Maria da Silva. Memórias do Povo, p. 57, 2006).

O morador era a categoria predominante na Região Nordeste. Esse agricultor recebia do fazendeiro uma pequena propriedade para morar e cultivar alimentos para sua subsistência, em troca, o agricultor deveria trabalhar alguns dias para o fazendeiro. Conhecido como “cambão” essa forma de exploração do trabalhador rural era bastante comum no período. Como nos fala Francisco Antônio da Silva “o agricultor trabalhava a semana e deixava o cambão (...) deixava um cambão e aqueles que pagavam ouro, pagavam o arrendamento. Aí só pagava de ano em ano”. (Depoimento de Francisco Antônio da Silva. HAM, p. 78, 2006)

O morador estava sujeito aos mandos do proprietário uma vez que, no momento em que estes fazendeiros quisessem dar outros destinos aquela propriedade cedida ao trabalhador, ele teria o direito de fazê-lo. Conforme nos diz o Sr. Expedito Maurício da Costa:

Trabalhava 35 anos numa fazenda, e pelo simples fato de não poder trabalhar, o patrão mandava embora, desocupa a casa, desocupa a casa que eu quero aqui um homem que possa trabalhar, e não você que está velho não. Dava 48h pra desocupar a casa. E tinha que sair, porque se não saísse, ia sofrer a pressão dos vigias da fazenda” (Depoimento de Expedito Maurício da Costa. HAM, p. 54, 2006).

Além do cambão havia outras formas de exploração como nos conta o Sr. Pedro Miguel da Silva:

O lucro ficava pra ele, e a balança dizia que era ele (...). Quando eu vendia 15 arrobas de algodão, ninguém sabe quanto dava (...).15 arrobas se eu fosse vender em outro canto, tinha bem 20 (...). Pois a balança diz que, ali no pé da balança, pro fundo, eles iam lá e (...) Mas, ninguém dizia nada, não. Via e conhecia, mas não falava. Aí não podia fazer nada. Depois, veio mais uma história de pasto de gado. Se a gente tinha uma vaca, tinha que pagar no fim do ano aquela vaca, aquele bezerro. O que tivesse era contado, contava quantos tinha (...). Isso tudo era fora do foro, pagava o foro e pagava mais esse pasto do mesmo sítio em que a pessoa trabalhava.(Depoimento de Pedro Miguel da Silva. João Pedro Teixeira Vivo na memória e nas lutas dos trabalhadores, 2002).

Como é possível perceber, os fazendeiros empreenderam diversas estratégias de exploração da força de trabalho do camponês. As fraudes na balança para que o valor pago pela produção fosse menor, o imposto sobre a criação do gado e outras formas de opressão. O trabalhador era submetido nestas condições a uma forma de trabalho de semi-escravidão.

Algo que merece ser destacado na citação anterior é que “ninguém dizia nada. Via e conhecia, mas não falava”, com isso podemos entender que imperava a “lei do silêncio”, o uso de coerção através do poder não apenas econômico, mas também da força física, uma vez que estes fazendeiros dispunham de um grupo de homens para a manutenção da ordem em suas áreas de domínio.

Essas formas de exploração do trabalhador rural também são analisadas por Emília Moreira e Ivan Targino, afirmando que:

As estratégias patronais contra os trabalhadores se apresentam bastante lesivas por ocasião das medições, pois os instrumentos são viciados e não fiscalizados pelos órgãos competentes e não se leva em conta a qualidade diferenciada da cana. Na verdade, onde a subtração do trabalho ocorre mais frequentemente é na medição da área cortada

de cana, pois a vara não mede de forma linear rigorosa, realizando “saltos” de área que não são computados no pagamento dos canaviais. (MOREIRA, 1997, p. 283)

Além dos aspectos e condições dos trabalhadores rurais apresentados anteriormente, Moreira; Targino (1997) apresentam outros fatores que tornam as relações de trabalho no campo ainda mais conflituosas. Segundo os autores: A precariedade do transporte para o local de trabalho; o não fornecimento de água potável nos canaviais; a falta de equipamentos de proteção; o desgaste provocado pelo esforço físico; o descumprimento da lei de sítio e a presença de administradores armados (1997, p. 285) são fatores agravantes das condições de vida e trabalho dos assalariados da cana.

3.2. As Ligas Camponesas no município de Sapé

Em meio a todo esse contexto é que surge em 1958 a organização camponesa de Sapé, liderada por João Pedro Teixeira até o seu falecimento. É possível identificar três fases distintas, porém interligadas das Ligas Camponesas neste município: Uma primeira fase que poderíamos chamar de “mobilização dos camponeses”; uma segunda fase que poderíamos denominar de “institucionalização da luta” e uma terceira fase que chamaremos de “radicalização do movimento”. Esperamos que ao longo do texto, possamos esclarecer cada uma delas.

O período que denominamos “mobilização dos camponeses” é um momento de articulação dos trabalhadores, em que havia reuniões nas residências de alguns camponeses para discutirem a situação de exploração em que viviam. Nestes encontros, os líderes do movimento como João Pedro Teixeira, Elisabete Teixeira, João Alfredo Dias (Nego Fuba) e outros, iam até as casas dos agricultores com a intenção de conscientizá-los sobre a importância da luta por melhores condições de trabalho. Em seu depoimento Elias Pereira fala sobre esse período

Naquele tempo que eu comecei com os conselhos de trabalho, ajudando e fazendo alguma reunião entre camponeses, foi nesta época, que João Pedro morava em Antas do Sono. (...) Em Sapé, as reuniões eram avisadas, eram muito escondidas. A gente saía e ia ter aquele encontro, na casa de um companheiro. (...) Eles organizavam da seguinte maneira: tinha reunião constantemente de cada setor, de cada localidade, de cada fazenda. (Depoimento de Elias Pereira. HAM, p.53, 2006)

Através do trecho citado anteriormente, é possível perceber que as primeiras atuações dos integrantes das Ligas Camponesas, se deram através de uma mobilização

domiciliar dos agricultores e agricultoras. Após o período que denominamos de “mobilização dos camponeses” em que houve um esforço da liderança inicial em conscientizar os diferentes trabalhadores rurais sobre sua situação de exploração e a importância da luta por melhores condições de vida no campo, ocorreu o que poderíamos chamar de “institucionalização da luta”, neste momento houve em 1958 a fundação “Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé”. Sobre o momento da fundação Ivan Figueiredo, integrante do movimento, diz que:

Eu estava na abertura, na fundação das ligas (...) naquele Grupo Gentil Lins (...). Veio Santa Cruz (...) um advogado de muito nome. Veio Chico Julião, outras pessoas também. Assis Lemos e, se o espírito não me engana, parece que Zé Joffily (...) Uma turma a pesada mesmo. De Sapé estava eu, Severino Barbosa, Nego Fuba, Pedro Fazendeiro, e mais gente (...). O presidente foi Severino Barbosa (...) e ficou João Pedro como vice. (Depoimento de Ivan Figueiredo. HAM, p. 55, 2006)

É possível perceber o apoio de parte da sociedade a organização dos agricultores. A então recém-criada Associação possuía um perfil notadamente assistencialista, cujo objetivo era proporcionar minimamente melhores condições de vida e oferecer assistência social, conforme atesta seu estatuto:

A Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé tem por finalidade a prestação de assistência aos arrendatários, assalariados, e pequenos proprietários agrícolas do município e áreas vizinhas, bem como a defesa de seus legítimos direitos de acordo com as leis do país. Estatuto da Liga Camponesa de Sapé. Capítulo I, artigo primeiro (apud NOVAIS, 1997, p. 39)

Como apresenta o estatuto da Associação, o movimento camponês em Sapé surge com a intenção de dar assistência as diferentes categorias de trabalhadores rurais, não apenas do município que sedia a associação como também, das “áreas vizinhas”. Ainda sobre o perfil assistencialista da Liga Camponesa de Sapé em seus primeiros anos, é possível perceber através do depoimento de Maria do Socorro de Paiva:

Quando adoecia uma pessoa, ia lá na sede da Liga Camponesa e lá tinha o médico pra atender, tinha o dentista pra extrair o dente, um registro; se precisasse de tirar, eles também ajudavam a pessoa a tirar aquele registro, porque não tinha a facilidade que nós temos hoje (Depoimento de Maria do Socorro. Memórias do Povo, p. 55, 2006)

Entretanto, não era apenas de assistência social que vivia a Liga Camponesa de Sapé. Destacou-se também nas mediações dos conflitos entre os fazendeiros e os trabalhadores rurais. Como mencionamos anteriormente, neste período havia muitos

embates entre os latifundiários e os trabalhadores rurais, além do famoso cambão, os fazendeiros utilizavam outras formas de exploração e violência ao trabalhador. Assim, quando havia algum conflito entre os (as) agricultores (as) e os proprietários rurais, os integrantes da Liga intervinham da defesa de seus pares, como afirma Antônio Francisco de Andrade em depoimento:

Em Maraú botaram o gado, e nós fomos agir. (...) João Pedro falou: Eu só vou sair daqui com o dinheiro (da indenização do trabalhador) no bolso. Aí a gente ficou também, se não se ele ficasse sozinho lá, ele matava. Aí nós ficamos. Só saímos de foice, de espingarda, de machado, de enxadeco, de toda qualidade de arma da agricultura. (Depoimento de Antônio Francisco de Andrade. HAM, p. 57, 2006).

Recusar o pagamento a indenização trabalhista era outra forma de exploração ao trabalho do camponês, como foi possível perceber no depoimento citado anteriormente. Outra forma de exercício do poder por parte dos fazendeiros e opressão dos agricultores era a destruição das pequenas lavouras dos mesmos. Aqueles pequenos proprietários que possuíam ou mesmo os moradores das usinas que possuíam suas pequenas plantações, muitas delas de subsistência eram surpreendidos com a derrubada de seus roçados. Isso foi uma prática muito comum no período, sobre esses acontecimentos a Sra. Maria da Guia lembra que:

Antes dessa época, eles tinham oportunidade de trabalhar em terra livre, plantando suas fruteiras (...) mas, quando eles começaram a devolver esse conhecimento, no tempo em que foi proibido de plantar o roçado do povo, aí os usineiros vinham de noite, cortavam as terras do povo, dos empregados. Aí, de dia, pessoal e o sindicato se juntavam e iam plantar. Aí, os usineiros, teve um tempo, se juntavam para matar o dono da casa, e o morador da casa não ficava plantando nenhum pedaço (Depoimento de Maria da Guia. HAM, p. 57, 2006)

A terceira fase das lutas camponesas em Sapé, que denominamos de “radicalização do movimento” tem início com a morte de João Pedro Teixeira, em abril de 1962. Como é sabido, João Pedro Teixeira constituiu-se como grande líder da Liga Camponesa de Sapé, desde antes de sua fundação. Sua atuação junto aos trabalhadores sua relevante na arregimentação dos mesmos, daí quando ocorre seu assassinato, houve uma repercussão nacional. Sobre a morte desse líder camponês, o Sr. José Hermínio Dionísio conta que:

O que aconteceu foi o seguinte: João Pedro Teixeira, regressando da capital João Pessoa, na tarde do mesmo dia, pela BR 230, salta do ônibus na rodoviária. E aí o transporte segue com destino a Campina Grande, e João Pedro Teixeira segue conduzindo um pacote de livros,

para seus filhos, pela estrada, via Sapé. Na mesma viagem, em uma distância, os vaqueiros pistoleiros cumpriram a ordem de mata-lo. Abrigados sob o matagais desfecharam-lhe vários tiros de revólver, atingindo-o mortalmente com um tiro sobre o peito, que ali caiu morto o camponês. (Depoimento de José Hermínio Dionísio. HAM, p. 31, 2006)

Assassinado quatro anos após a fundação da Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé e em meio a um contexto de luta e defesa dos interesses dos agricultores, seu martírio torna-se uma bandeira de luta do movimento. Muitas foram às passeatas, comícios e mobilizações dos camponeses após a morte de seu líder.



Figura 01: Convite da Federação dos Trabalhadores Agrícolas da Paraíba.

Fonte: <http://www.ligascamponesas.org.br/?p=187>



Figura 02: Panfleto das Ligas Camponesas.

Fonte: <http://www.ligascamponesas.org.br/?p=187>

Como é possível perceber a partir das imagens anteriores, houve uma verdadeira radicalização das ações do movimento camponês não apenas na cidade de Sapé, mas também em todo o estado da Paraíba, tomando proporções inclusive internacionais, pois o movimento passou a ser notícia em jornais do exterior.

3.3. Os desdobramentos políticos e sociais causados pela Liga Camponesa de Sapé

“A Liga Camponesa foi quem me ensinou a lutar.”

Maria da Penha Lima Souza (agricultora)

Quando o golpe civil-militar é realizado em 1964, a repressão ao movimento e seus integrantes aumenta de uma forma que desarticula toda organização dos camponeses. Porém toda repressão não foi suficiente para apagar a memória de luta daqueles simples agricultores contra a opressão e as muitas injustiças sofridas. Em suas lembranças, a Sra. Maria da Penha Lima Souza lembra que:

As minhas experiências, do tempo da Liga Camponesa pra cá, foi quem me ensinou. A liga Camponesa foi quem me ensinou a lutar. Porque na Liga Camponesa, em 64, trabalhador não tinha direito nenhum na vida, era tudo escondido. Depois da Liga Camponesa, com muita morte de trabalhador, líderes de sindicato, e muitas prisões, foi que a gente começou a conhecer o pessoal da Pastoral da Terra, da CPT, e a gente se uniu e esse pessoal com toda dignidade, foi quem orientou a gente para um caminho melhor para a gente conhecer o nosso direito. Hoje temos o direito de falar. (Depoimento de Maria da Penha Lima Souza. HAM, 2006, p. 107)

Também nas lembranças do Sr. Severino Guilhermino de Souza, a importância das Ligas é marcante e digna de lembrança:

Na minha memória, João Pedro Teixeira está vivo, nesta luta pela terra, pela vitória da terra, pela Reforma Agrária, e da brava Reforma Agrária. Queremos Reforma Agrária, queremos paz, não guerra. (Depoimento de Severino Guilhermino de Souza. HAM, 2006, p. 107)

Esse ideário de luta nos apresenta e reforça o quanto os movimentos sociais, quando unidos, e coesos, podem refletir nas estruturas econômicas e sociais

estabelecidas de uma sociedade. E o quanto esses movimentos, podem influir na ordem estabelecida, quando buscam espaços para representar seus interesses, mesmo quando setores conservadores se colocam na tentativa de desvalorizá-los e de constituir sua imagem de forma pejorativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização e a projeção do campesinato em algumas localidades do Nordeste, por meio das Ligas Camponesas na medida em que trouxe para a discussão uma série de questões e denúncias acerca da situação a qual estava submetido o campesinato, bem como o problema da posse da terra no Brasil e em especial no nordeste, somado a algumas conquistas do movimento, como a sindicalização na zona rural e a ínfimas melhorias nas conquistas de trabalho, não foi suficiente para alterar radicalmente, ou significativamente o quadro da concentração fundiária brasileira.

A estrutura fundiária no Brasil a qual ainda apresenta-se de forma expressivamente concentrada sob domínio de uma parcela de proprietários, requer especial atenção para melhor se entender o cenário agrário brasileiro o qual ainda constitui ao campesinato uma exclusão social.

Nesta perspectiva, o estudo sobre o papel e atuação desses movimentos se faz necessário para compreender o processo das relações na zona rural brasileira e fomentar a continuidade de novas discussões acerca das melhores ações que permitam se (re) definir, e (re) pensar a atual estrutura fundiária no Brasil na tentativa de possibilitar uma maior projeção dos movimentos sociais camponeses, bem como de alterar as relações existentes no campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. Lutas Camponesas no Nordeste. São Paulo: Ática, 2000.

AUED, Bernadete Wrublevski. A vitória dos vencidos: Partido Comunista Brasileiro – PCB – e Ligas Camponesas 1955-64. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986.

BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs.). Eu marcharei na tua luta!: A vida de Elizabeth Teixeira. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

Caderno de Formação Nº 33, Latifúndio: O pecado agrário brasileiro. Publicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. São Paulo – SP, 2000.

CONSULTA POPULAR – PB. João Pedro Teixeira: Vivo na memória e nas lutas dos trabalhadores. João Pessoa: Ideia, 2002

CPRM- Serviço Geológico do Brasil Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Sapé, estado da Paraíba/ Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. (Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/SAPE194.pdf>)

HAM, Antônia Maria Van; CALADO, Alder Júlio Ferreira; SEZYSHTA, Arivaldo. GIACOMELLI, Gabriele. IENO, Gláucia Maria de Luna (Orgs.). Memórias do povo: João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas-deixemoso povo falar. João Pessoa: Ideia, 2006.

MAIA, Sabiniano. Sapé: Sua História Suas Memórias (1883-1985). João Pessoa: UNIGRAF, 1985.

MONTENEGRO, Antônio Torres. “Ligas Camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.) **O tempo da experiência democrática**: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa: UFPB/Universitária: 1997.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino. Modo de produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária. São Paulo: Labur Edições, 2007.

ANEXOS

As imagens presentes neste anexo foram tiradas do site:
http://www.ligascamponesas.org.br/?page_id=144&album=1&gallery=2 Acesso em: 02/
09/2013.




Figura 03: João Pedro Teixeira e sua família



Figura 04: Túmulo de João Pedro Teixeira

**A FAMILIA DE JOÃO PEDRO
CONFIA No Povo Paraibano
PARA ELEGER
ELIZABETH
Para Deputado Estadual**



**ELIZABETH e Família no túmulo do seu
inesquecível companheiro**

**Para Deputado Federal
Lúcio Rabelo**

**MENSAGEM
DE
ELIZABETH
AO POVO PARAIBANO**

Meus conterrâneos:

Na qualidade de mulher camponesa, pobre e de poucas letras, acho-me hoje como exaltada a Deputado Estadual. Para que isso ocorresse, muita coisa aconteceu na minha vida, com a minha família, com os meus irmãos camponeses da Paraíba e, principalmente, de Sapé. A minha história é a história do sofrimento dos camponeses de nossa terra, é a história que eles tiveram de sofrer, quando começaram a abrir os olhos para a defesa dos seus direitos.

A Liga Camponesa de Sapé foi organizada em 1923. Desde o princípio, o meu marido esteve junto aos camponeses da Liga, levando a todos uma palavra de conforto, de esclarecimento e de apoio. Ele, que se acostumou a levar os seus irmãos camponeses a mensagem do Santo Evangelho de Jesus Cristo, com a fé e no coração, cumpriu o seu destino de ajudar aos humildes e injustiçados até o último dia de sua vida. Durante todo esse tempo, todo sofrimento e privação que passamos juntos. Diversas vezes, ele foi preso, maltratado, humilhado, em casa, quase toda noite, era rondada por capangas armados, com espingardas e detrapelo, como ainda hoje acontece. Até que chegou o trágico dia em que ele foi assassinado, de emboscada, na estrada de Sapé, quando vinha para casa, trazendo livros e cadernos para meus filhos. Essa crueldade toda a Paraíba e o Brasil conheceram. Aquelas grandes senhoras de terras, donas da vida, do trabalho e até da vida dos nossos irmãos camponeses, são os responsáveis pela escarne e revoltante crime.

Com meu marido, aprendi a sofrer, confiante na justiça de Deus, e a amar os meus semelhantes, os nossos companheiros de trabalho e de miséria, os trabalhadores no campo, juntamente com todos os pobres injustiçados, privados do mínimo necessário para viver como filhos de Deus.

Do lado do meu marido — JOÃO PEDRO TEIXEIRA — aprendi que a fé, a doçura, a bondade, a ignorância e todas as privações dos pobres são obra da injustiça e da ambição dos homens. Não foi Deus quem deu a poucos a terra e todas as riquezas, deixando para a grande maioria somente a fome e a miséria.

Nascer e me criar vendo e sentindo o rosto de sofrimento dos camponeses: Corrida da terra, espancamentos, roubos na sua lavoura, trabalhando de graça para o patrão, sem ter muitas vezes o alimento para seus filhos, vendo seus anjinhos morrerem à fome, à falta de remédio, rindo pelos vermes.

Sou mãe de onze filhos menores, que ficaram sem o carinho e amparo de seu pai, que sempre se sacrificou por eles.

Por tudo isso, minhas amigas e meus amigos, decidi continuar a luta de João Pedro, meu querido esposo, em favor dos humildes camponeses sofridos da nossa Paraíba e do Brasil. Assumi a presidência da Liga Camponesa de Sapé, que meus irmãos de luta e sofrimento me confiaram, quando João Pedro foi morto, e não recusei, apesar dos homens poderosos e desumanos que mandaram matar meu marido e meu filho Paulo Pedro, de onze anos, ainda hospitalizado, me ameaçaram todos os dias, pagando altos preços pela minha língua e pela minha cabeça. Estou disposta a oferecer minha vida, se assim quiserem os maldosos que não perdemem. Porque acredito, perante os homens e perante Deus, que esta é a minha missão — a defesa dos trabalhadores humildes e injustiçados. Não digna da memória de João Pedro, mesmo à custa do meu próprio sangue.

Não sou candidata por interesse político. Tenho horror à política profissional de exploração, de abandono dos pobres, de desonestidade e de injustiça. Já me ofereceram recompensa a «emprego para eu abandonar a Liga Camponesa e a luta pela reforma agrária, que é a redenção dos milhões de camponeses sem terra e de pouca terra. Mas, eu não trairei os meus irmãos camponeses, não abandonarei as numerosas famílias de trabalhadores pobres que, como a minha, estão padecendo a viver e a orfanidade, pela maldade dos poderosos. Continuarei trabalhando e clamando até a vitória da Pátria e da Justiça.

Peco a ajuda das minhas irmãs donas de casa e das lavadeiras, das minhas irmãs trabalhadoras, das mães de família, dos jovens estudantes, dos pequenos comerciantes e funcionários públicos, dos militares dignos, de todos os homens e mulheres honestos e de «cimento. Peco a ajuda da sua solidariedade e do seu voto, ajuda que não será para mim, mas para todos os camponeses escravizados, para todos os pobres oprimidos, que defenderei sempre, com dignidade e sem medo.

Muito agradeço a todos, em meu nome, em nome do meu marido e dos meus filhos orfãos. É até a Vitória, com fé em Deus e no Povo Paraibano!

ELIZABETH TEIXEIRA

Figura 05: Panfleto da campanha de Elizabeth Teixeira

Jornal do Comércio
17 JUN 1961

**Fundará Ligas
Camponesas
na Parahyba**

*BRASILIA, 16 (Radiopress)
— O deputado nacionalista pes-
sedista José Joffily anunciou
que fundará, na Parahyba, vá-
rios núcleos das Ligas Campo-
nesas.*

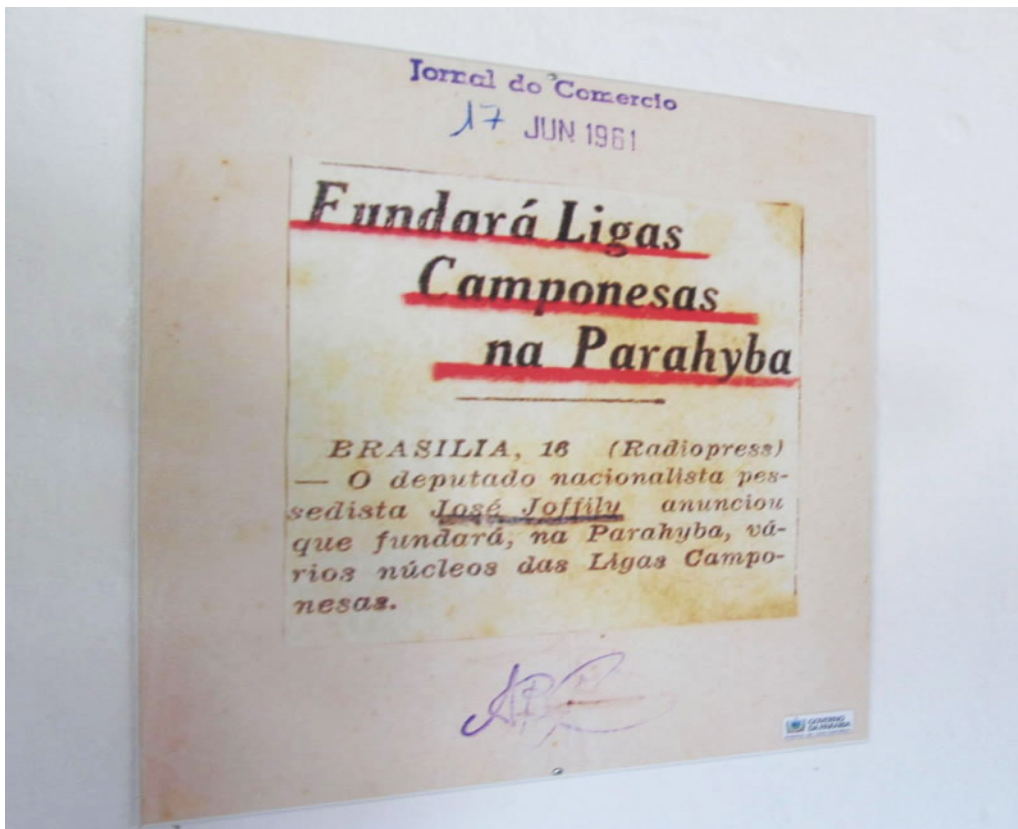


Figura 06: Notícia da fundação das Ligas camponesas na Paraíba (Jornal do Comércio – 17 de Junho de 1961)



Figura 07: Notícias sobre as Ligas Camponesas em Jornais da Paraíba



Figura 08: Panfleto da Campanha de Julião



Figura 09: Memorial da Liga Camponesa de Sapé